

BRASIL - PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1906

N.º 178

CONDE DE ARNOSO (João)



† em 6 de Junho

A morte d'este desditoso rapaz, uma das figuras mais queridas na melhor sociedade portugueza, um dos jovens officiaes a quem mais largo futuro parecia reservado na nossa marinha de guerra, veio lançar na familia Arnoso um luto pungentissimo. Confrangeu-se o coração de todos aquelles que na dilacerante scena da separação final viram o pae amantissimo torturado pela maior dôr humana, vergado por uma angustia sem nome, derribado e vencido pela impossibilidade cruel de ter arrancado á morte aquelle que era a melhor parte da sua alma e da sua vida. No grande e commovente funeral de João Arnoso houve lagrimas abundantes e sinceras. Para o filho que desapareceu e para o pae que lhe sobrevive não pode haver elogio maior.

Os reis de Hespanha

ASPECTOS

Presentes do noivado

A casa da calle Mayor



D. Affonso XIII

A rainha de Hespanha

D. Victoria Eugenia



A EGREJA DE S. JERONYMO. — Saída do templo depois da benção nupcial

OS REIS DE HESPANHA

DIN-SE-IA que toda a Hespanha invadiu Madrid para que nenhum hespanhol deixasse de presenciar as festas do casamento real e as vozes de todos se unissem n'um côro festivo a acclamar o rei e a rainha.

O aspecto grandioso d'esse cortejo de reis, de príncipes, e de grandes de Hespanha, nunca mais se apagará da retina dos que o observaram de perto.

O sol dardejava a prumo, e apesar do calor asphixiante, das nu-



Egreja de S. Jeronymo

Onde se realisou o casamento do rei de Hespanha

vens de pó que se encastellavam sobre tantos milhares de cabeças, ninguém arredava pé, ninguém fugia do seu posto, como se para cada um fosse um dever de honra juntar as aclamações individuais ás da multidão entusiasmada.

Tremulava por toda a parte a bandeira, hespanhola e ostentavam-se em todas as janellas, em todas as praças, em todas as ruas, as côres nacionaes. Os moradores da buliçosa cidade tinham caprichado em decorar artisticamente as frontarias das suas casas. As tropas, apesar de expostas durante horas seguidas aos raios d'aquelle sol abrasador, apresentavam um ar marcial, em toda a longa extensão que vae do Palacio do Oriente á Egreja de S. Jeronymo. A multidão cerrada, compacta, abria filas á passagem do cortejo. As lindas mulheres de Madrid, de Valencia, de

Andaluzia, de toda a Hespanha, nas suas *toilettes* mais garridas e viçosas, enchiam as janellas, os *balcones*, os palanques, e de lá atiravam flores e beijos ao par invejado e ditoso. As musicas tornavam o jubilo popular mais ruidoso e mais festivo, e as mães dos noivos, proximas d'elles na sua carruagem de gala, agradeciam com sorrisos nos labios e lagrimas de reconhecimento nos olhos, aquella effusão de saudações, aquelles vivas, aquellas flôres que de toda a parte caíam sobre o coche que conduzia o mais feliz dos homens, que o acaso fizera rei de Hespanha, e a mais encantadora creança que a Inglaterra lhe confiára, e que ia para sempre ligar aos d'elle os seus destinos.

E dentro d'esse coche real viu-os quem escreve estas linhas, radiantes de felicidade, com o coração á flor do rosto, n'uma commovedora expansibilidade de sorrisos, de affectos, de agradecimentos. N'esses momentos curtos, inolvidaveis, estabeleceu-se uma identificação absoluta entre essas duas creanças e a Hespanha inteira. Ella, que era d'ahi em deante a rainha, já se tinha imposto a todos os hespanhoes por uma soberania mais alta, mais absorvente — a da candura divina, a da suprema belleza.

Fundia-se a Inglaterra na Hespanha, e eram os mais radiosos dezoito annos, a mais triumphante mocidade, que constituíam o eterno traço da união. A respeito d'elle não havia uma nota discordante. Era bem hespanhol, no sangue impetuoso, na raça cavalleiresca, no espirito de aventura, na coragem tanta vez provada.

E esse rapaz de vinte annos com todas as suas qualidades, domina-

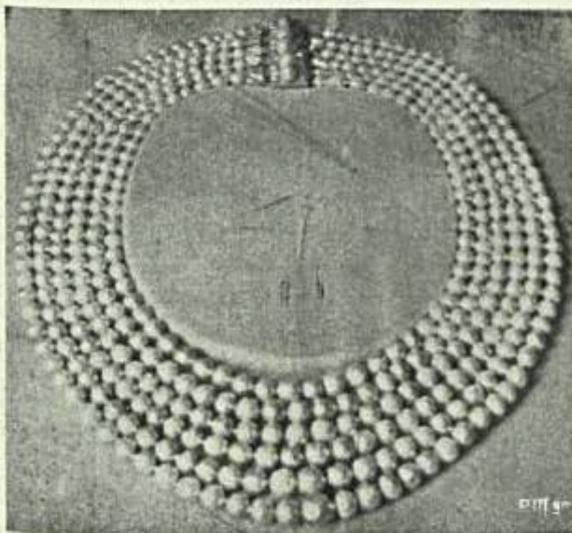


A chegada da princeza Victoria Eugenia. — As primeiras flores dadas pelo noivo.



Bracetele oferecido pelo principe (viuvo) das Asturias. (Rubis e brilhantes)

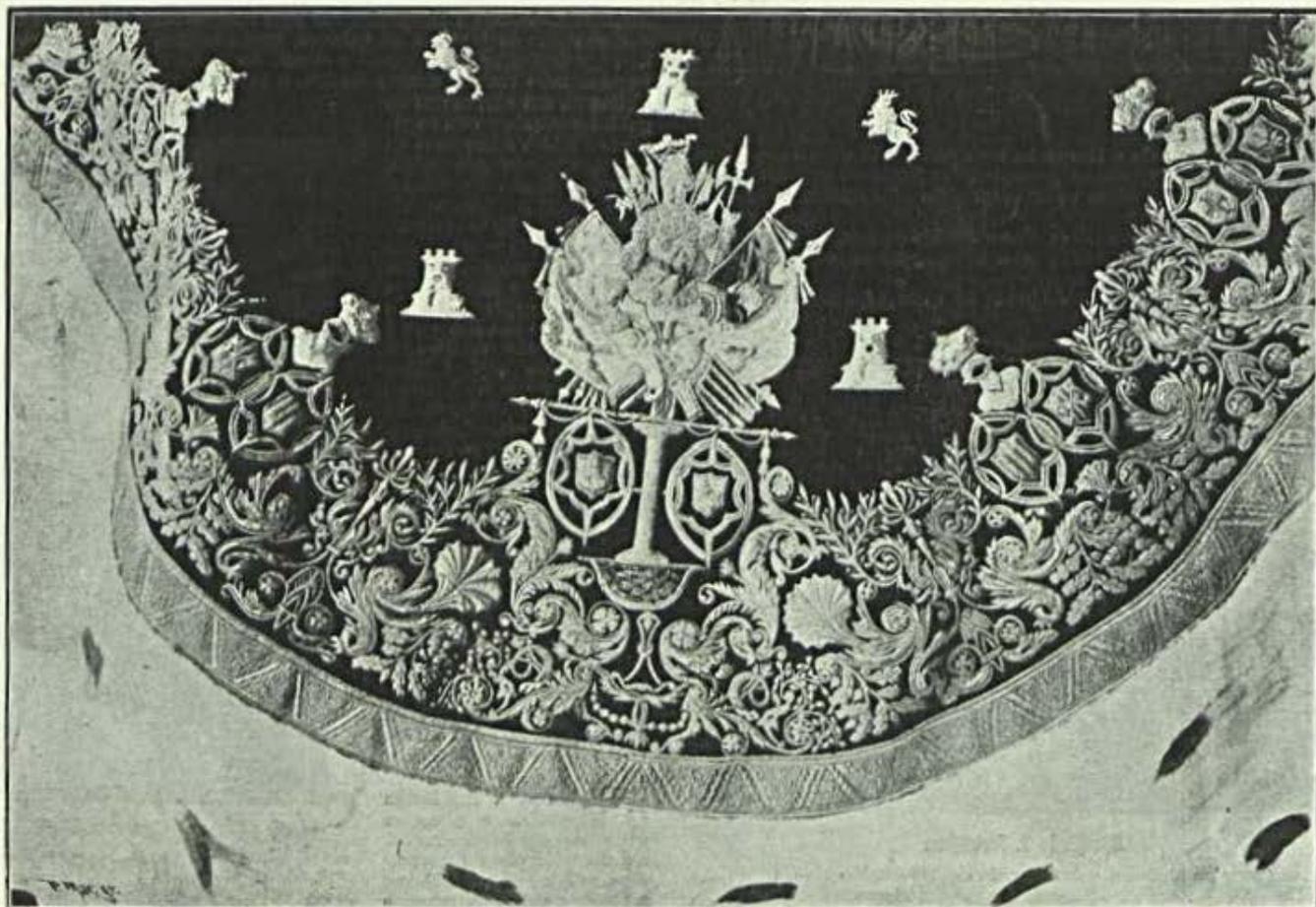
tivo e auctoritario, creança e homem, affrontando hoje os perigos, medindo amanhã as responsabilidades, impondo se agora aos ministros pela



Collar de perolas oferecido pela rainha D. Maria Cristina



O manto real, oferecido por D. Affonso XIII á rainha Victoria Eugenia



Parte inferior do manto real

O manto real da actual rainha de Hespanha pertenceu á rainha D. Isabel II. Tem quatro metros de comprimento e dois de largura. Cerca-o uma barra de arminho de 39 centímetros de largura. O manto é de veludo «grenat» bordado a ouro e prata. Ao centro figuram, bordados, castellos e leões. Em torno apparecem os escudos das quarenta e nove provincias hespanholas bordados a matiz e ouro. Por ultimo destaca-se o pendão de Castella e as armas reaes.

vontade, enthusiasmando logo a multidão pela audacia, caprichoso e arrojado, tendo mais de uma vez sorriso desdenhosamente deante da morte, este rapaz franzino, delicado, todo envolto agora n'uma aureola de amor e de ternura, é bem o rei que os hespanhoes adoram, porque sen-

tem, n'esse corpo debil, vibrar a alma da Hespanha amorosa e epica.

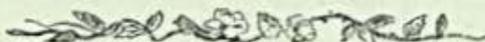
Pretendeu a loucura de um homem ou de uma seita desvairada esmagar de subito toda esta felicidade, perturbar esta grandeza, abalar nos seus alicerces a sociedade inteira.

E não se lembrou o miseravel desgraçado que a dynamite traiçoeira arrojada, por entre flores, podia converter em victimas dezenas de innocentes, poupar por um capricho da sorte aquelles que visava, e cercar de mais sympathia, de mais affecto a causa que procurava combater e stultamente destruir!

Deante das victimas de Madrid, do sangue que correu pela Calle Mayor, mais se firmou a alliança entre o throno e o povo. As indignações que de todos os peitos brotaram e todos os labios traduziram foram outros tantos elos que como um rosario de benções vincularam a monarchia ao povo. E não houve nação civilisada no mundo que se não apressasse a manifestar aos jovens reis de Hespanha a sua repulsão pelo attentado odioso acompanhado do intimo jubilo de ver salvos e illesos aquelles cuja radiosa mocidade preside aos destinos de um dos povos mais antigos e mais gloriosos da Europa.

Ao casamento de Afonso XIII com Victoria de Battenberg consagra hoje algumas paginas o *Brasil-Portugal*.

A *corbeille* opulentissima da noiva arranca alguns brindes verdadeiramente régios, publica os retratos de SS. MM. e gravuras do cortejo, e da igreja de S. Jeronymo, onde se realisou a cerimonia do casamento, e onde tantas *bodas reaes* tem sido celebradas nos ultimos seculos decorridos.



... «Era gente baptisada com fogo e com sangue nas duas legiões inimigas. Isso explica a estatura moral dos homens d'aquelle tempo, estatura a que não chegaram nem provavelmente chegarão as gerações subsequentes.»

ALEXANDRE HERCULANO.

Não ha cousa mais cara do que a que custa vergonha.

FERNÃO MENDES PINTO.



O attentado em Madrid

Casa, na calle Mayor, de onde foi arremessada a bomba á passagem do cortejo real

Mgr. Giuseppe Machi

NUNCIO EM LISBOA



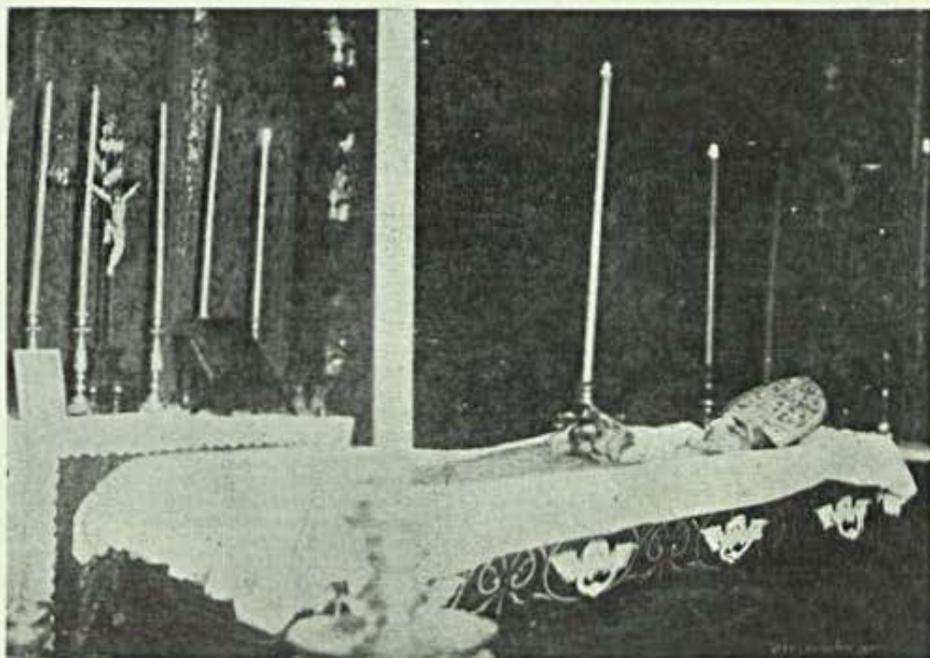
† em 7 de junho

Nascera na Palestina em 1845. Em 1880 foi eleito bispo de Gadara, e em 1889 promovido ao arcebispado de Amasca. Oito annos depois partia a tomar posse do arcebispado de Thessalonica. Em 1898 foi transferido para Munich, e em 1904 foi nomeado nuncio em Lisboa, logar vago pela ascensão de mgr. Ajuffi ao cardinalato.

Antes da sua transferencia para Munich esteve como delegado apostolico no Equador e no Perú, de onde partiu para o Rio de Janeiro na qualidade de inter-nuncio. Ali se conservou até 1902, já como nuncio, o primeiro do Brasil.

Intelligente, energico, perspicaz e de uma bondade nunca desmentida, o illustre morto, nos dois annos em que desempenhou o seu alto cargo entre nós, soube captar todas as sympathias.

Paz á alma d'este justo.



Na camara ardente



Baroneza de Wedel Jarlsberg
Esposa do ministro da Noruega



Barão de Wedel Jarlsberg
Ministro da Noruega em Lisboa

Este illustre diplomata era representante da Suecia e Noruega na cõrte portugueza quando se deu a separação dos dois paizes. Norueguez pelo nascimento e pelo coração; exonerou-se logo d'esse cargo e partiu para Christiania onde tomou então uma parte muito activa e preponderante nos acontecimentos politicos que se desenrolaram e que terminaram ha pouco com a coroação do rei escolhido. N'essa escolha foi ainda a opinião do Barão de Wedel que prevaleceu. E' um homem muito sympathico, um diplomata fino e illustrado, e um trabalhador incançavel. O "Brasil-Portugal" honra-se hoje inserindo o retrato do primeiro ministro da Noruega em Lisboa.



CANTARES

I

Ponho os olhos no Infinito
A ver se descubro ou não
Um astro santo e bemdito
Raiando na escuridão!...

Que me seja eterno guia
O teu olhar, meu amor,
Luz bem dita que alumia
As trevas da minha dor!...

Os teus olhos são policias,
Mas com manhas de ladrão:
N'uma prisão de delicias
Prenderam-me o coração.

II

Se traz pisados os olhos
Alguem que cantando passa,
É que vae pisando abrolhos
No caminho da desgraça!

Ai do pobre se elle chora
Tristezas do coração!
Quem chora seu mal minora...
Não sci se minora ou não.

III

A esperança nasce em festa
Toda verde, verde-mar!

Depois, é como a floresta
No outono a estiolar!...

Se a esperanza é sempre doce,
É amarga a realidade:
Que é do sonho? evaporou-se,
Só nos ficou a saudade!...

Esperanças e esperanças
Sonhadas no coração,
Aonde vão pombinhas mansas
Do meu pombal da illusão!...

IV

Falta a luz, a claridade
Roubaste-m'a, meu amor,
E o amor deu-me a saudade
E a saudade deu-me a dor!

A saudade é desventura,
Faz-nos bem fazendo mal;
Mixto de magua e doçura,
Uma mistura infernal!

V

O amor é um astro doce,
Lirio aberto da illusão!...
Vae-se a colher... desfolhou-se
Na campa do coração!...

Se o amor é um astro terno,
Sol de tanta formosura,
Será sol mas só de inverno,
Muita luz e pouca dura!

VI

Meus cantos deito-os ao vento,
Tenho o poema desfeito,
Cada verso é um lamento,
Chorando arranco-o do peito!

Lanço ao vento as minhas maguas,
Minhas maguas lanço ao mar,
Minhas penas conto ás aguas
P'ra que ellas t'as vão contar...

VII

Põe tu o teu pensamento
No triste que por ti pena,
Teus ais que m'os traga o vento
Na sua musica amena.

Que eu sinta na viração
— Vê tu que ideia tão louca! —
Afagos da tua mão
E os beijos da tua boca!

Mariano Gracias.

A "PATRIA" no norte do Brasil



Os dois grandes Estados brasileiros do Norte — Pará e Amazonas — fizeram uma recepção brilhante á canhoneira *Patria* que ha mezes seguiu para o Sul e que em todos os pontos do enorme continente foi alvo de delirantes ovações da colonia portugueza, — ovações a que se associaram todas as auctoridades brasileiras, acolhendo carinhosamente os officiaes portuguezes. Pará e Manáos souberam corroborar mais uma vez as tradições de bizarra hospitalidade que tanto penhoram os estrangeiros.

O *Brasil-Portugal* publica hoje alguns retratos das comissões dos festejos das duas cidades, enviados pelos seus sollicitos correspondentes, e insere alguns trechos do numero unico do jornal *Patria*, que, em commemoração da visita do navio de guerra portuguez, saiu a lume em Manáos, sob a direcção de Silva Ferraz, Mattos Areosa e Eduardo Silva, e tecnicamente dirigido por J. J. da Camara.

SALVÊ!

Expirava a Edade Média. Com a conquista da Inglaterra pelos normandos, no seculo xi, acabara o cyclo das navegações dos povos scandinavos e cimbros, essa torrente de anglos, de saxões, de dinamarquezes, que se lançara no Atlantico Norte, — bando de piratas

audazes e intemeratos a devassar as solidões do Oceano.

Por espaço de tres seculos, do xi ao xiv, o movimento marítimo do Norte cessa, enquanto nas regiões leste do Mediterraneo surgem, tornadas emporios marítimos, a Veneza dos Foscari e Falieros e a Genova dos Dorias e Grimaldis. As Cruzadas abriam as relações com o Oriente e é no archipelago que vogam, prôa no Levante, as galeras venezianas e genovezas a buscar os productos das terras da Aurora. A grandeza marítima commercial das duas republicas chega ao apogeu nos primordios do seculo xv.

Na historia da humanidade moderna nenhum seculo se apresentou mais cheio de tempestades sociaes e de luctas no seio das nações que o do auge da grandeza das republicas italianas.

A Europa foi, n'essa época, theatro do mais agitado drama humano que se possa conceber. A Inglaterra, presa da guerra das duas Rosas, oscilla, ebria de sangue, entre as mãos dos York e Lancas-



Adelino A. Ferreira
Consul de Portugal no Pará



Salão nobre do palacete do conselheiro Antonio José de Pinho

Onde a comissão encarregada dos festejos offereceu o banquete á officialidade da canhoneira PATRIA



Commendador Joaquim da Silva Vidinha
Vice-presidente
da comissão dos festejos, no Pará

a sua integração com Isabel de Castella e Fernando de Aragão, expulsando os últimos moiros, o resto da invasão cavalleirosa arabe, enquanto o crescente corrido da península vae-se erguer sobre a Cathedral orgulhosa de Justiniano; Portugal entra na sua idade da fé, fica na Iberia como um protesto contra a hegemonia da monarchia castelhano-aragoneza; os povos do extremo norte emudecem, como que entre elles ninguem mais existe com bastante forte mão para suster o pesado sceptro de Margarida de Waldemar, enquanto a figura de Ivan III, o Grande, o vencedor dos Tartaros, se desenha no paiz de Rurik, alma do que será a Russia do futuro seculo xviii.

E' neste scenario convulso em que as mutações de scena deslizam rapidas, que se abre a época da grandeza para Portugal: n'ella começam os galeões portuguezes a desfaldar as bandeiras no Atlantico. E' primeiro



Dr. Luiz Soares

Medico portuguez no Pará,
membro da comissão dos festejos

Gonçalo Velho Cabral a descobrir os Açores, são João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira a apontarem a Madeira. Inicia-se a vida aventureira maritima dos portuguezes: nas primeiras navegações effectuadas vê-se o prologo das viagens que hão de levar Bartholomeu Dias ao Cabo da Boa Esperança e Pero de Alemquer ás terras antigas da Asia Meridional. O Oriente tenta os espiritos, e Portugal sonha a riqueza, pretende a successão economica da opulenta Veneza e da não menos rica Genova. E' a epopéa que começa para o pequeno povo da península; comprimido pela Hespanha a Leste e Norte, só lhe resta, como fronteira aberta, a solidão azul dos mares. O



Dr. Constantino Nery
Governador do Estado do Amazonas

mar-abre-se para os galeões portuguezes, mas ahí mesmo o seguem as naus castelhanas a disputar-lhe o Oceano, como mais tarde lhe disputarão a terra, n'essa rivalidade aspera de dois povos oriundos da mesma região a baterem-se, esphacelarem-se, à maneira do mytho grego dos dois irmãos thebanos, os filhos de Edipo e Iocarta, a luctarem dentro e fora do seio materno.

Abre-se o mar e Vasco da Gama e Cabral singram para o Sul, enquanto Colombo e Yanez Pinson tomam o rumo de Oeste.

Ensoberbecendo-se das navegações realisadas, das descobertas feitas, os dois povos da península, n'uma rivalidade crescente, avocaram para si o dominio das terras a que iam aportar os seus galeões aventureiros, ouvido Alexandre VI a partilhar entre Hespanha e Portugal, por uma linha imaginaria, essas regiões que despontavam para a cõbica europea.

O orgulho peninsular tocara o seu auge, os dois povos do extremo occidental da Europa julgavam-se senhores, dividiam-o entre si, n'uma vertigem de desvario, fazendo que Roderico Borgia lhes esposasse a illusão. India e America — eis as presas de que se julgavam os legitimos possuidores, crentes como eram de que lhes pertenciam de direito as terras onde passeassem a Cruz de Christo.

A indole aventureira que a Edade Média bebeu nas Cruzadas e o fanatismo religioso que as luctas com o Koran incendera, fez assim explosão no xvi seculo, o da aventura que toca a audacia e o da fé que vae até á credulidade.

O seculo de Francisco Xavier a levar o Evangelho ás Indias é o mesmo em que Fernando Cortez e Pizarro levam o ferro e o fogo ao Mexico e ao Perú, em que Alfonso de Albuquerque sobranceiro commanda a Asia Meridional. Carlos V pôde orgulhoso dizer que nos seus dominios o sol se não põe, e D. Manuel de Portugal com equal direitô lhe reproduz a phrase.

N'estes mares azues de esperança em que vogam as aspirações de grandeza de dois povos, n'este céu limpido em que lhes vóia a phantasia, alguma coisa, porém, surge a contrariar-lhes os sonhos. Uma nuvem os ares escurece: — é a Reforma nascida lá no Norte a combater a Igreja tradicional, é o espirito industrial-commercial a declarar guerra ao regimen guerreiro da aventura. Deante d'aquella é impotente todo o genio de Carlos V, deante d'este toda a habilidade sagaz de Philippe II.

Manuel de Portugal, expulsando os judeus das terras portuguezas, fêl-os levarem os seus capitaes, as suas riquezas ás terras de Hollanda, — essas que, sob o nome de Provincias Unidas, dariam combate á Hespanha. Ia começar a ruína dos primeiros descobridores: a aventura maritima succederia o regimen do lucro commercial a traficar entre o Occidente e o Levante.



M. J. Machado e Silva
Vice-consul de Portugal em Mandos
presidente honorario
da comissão dos festejos



Joaquim Gonçalves de Araujo
Presidente honorario



C. H. Lloyd

Gerente do River Plate Bank e presidente do Pará Club, onde se realisou o smoking concert, em honra dos officiaes da PATRIA.

Absorvido pela monarchia hespanhola, Portugal quasi desaparece em 1580 e cae n'aquelle lethargo historico que lhe durou sessenta annos; mas a Hespanha vem encontrar no Oceano um rival na Hollanda, que subito se torna potencia maritima. O pavilhão neerlandez desfralda-se ao vento com orgulho não menor que o castelhano. Travada a lucta entre os dois, nem sempre a Hespanha é victoriosa, e, se aqui na America conseguiu manter o seu dominio, deve-o: o povo que absorvera, a Portugal que soube conservar o seu Brasil.

Mas não basta só a Hollanda a pôr diques á ambicao dos povos peninsulares: — enthronizado na Inglaterra Guilherme de Orange, a Gran Bretanha surge como potencia maritima, a pretender tambem o senhorio dos mares e o dominio das terras longinquoas. Os Paizes Baixos vêem uma nação rival a lhes surgir, como elles haviam surgido á Hespanha, como está a Portugal.

O monopolio da aventura cessou, a fé não mais é o propulsor dos descobrimentos. A predica dos missionarios, as armas do guerreiro, succede o trafico do commerciante. A face do mundo occidental mudou-se inteira, está-se fóra para sempre da Edade Média e seus residuos.

Um navio portuguez, da marinha de guerra portugueza, vem visitar este Brasil que Portugal ainda mais fez do que descobriu, porque soube conservá-lo na epoca em que as armas castelhanas capitulavam ante os hollandezes victoriosos.

Bemvindo seja elle, elle que nos recorda um passado de glorias que vae longe, mas que deixou na Historia um rastro luminoso que nada apagará. E' pequeno, não tamanho quaes os couraçados das grandes potencias

do seculo; mas representa alguma coisa mais que esses soberbos navios porque é a imagem d'essas embarcações que descobriram estas terras, sem as quaes a grandeza d'esses povos septentrionaes seria impossivel.

Para construir esse barco, pequeno em dimensões, mas grande em sentimento, entrou a alma portugueza com o seu obulo. Saudemol-o com fervor, porque duas coisas n'elle se consorciám: — o passado, que nos foi a fé, e o presente, que nos é o trabalho.

Longe vae Pedro Alvares Cabral a ancorar em Porto Seguro, mas ainda ha portos seguros para Portugal n'este Brasil que elle descobriu e colonizou, — seu filho historico que o Patria visita.

E' como uma mãe que deixou no berço um filho pequenino e que para longe, para muito longe se ausentou. Encontra crescido e grande o infante que deixara; mas sente orgulho de lhe haver dado nascimento. Portugal, que no Patria visita o Brasil, é a nação portugueza, uma mãe, a vir contemplar, na plenitude



Eduardo Pinto Ribeiro
Vice-presidente



Leonel Pereira da Motta
1.º secretario



Matos Areosa
2.º secretario

das forças, o infante que deixara no berço, orgulhosa de o haver feito nascer á luz da civilização occidental.

Ha deliquios historicos para os povos, nações desmaiám, outras permanecem em lethargia; acorda-se, porém, d'essas syncopes demoradas ou passageiras, sempre que as forças nacionaes se mantêm cohesas.

O Portugal pequeno de hoje ainda pôde voltar á grandeza do passado, como esse pequeno barco que saudamos pôde ser o precursor de outros maiores que aquella gloriosa nação restituam uma parcella do perdido dominio dos mares.

(Da «Patria»).

HONTEM E HOJE

E' largo o mar azul, immenso abysmo d'aguas
Aonde á tarde o sol accende rubras fraguas
A sumir-se na vaga. Ali a noite nasce
E o rebanho da treva as nuvens e astros pasce
Na solidão do espaço. E' o Mar Tenebroso
Onde outr'ora Platão, o grego luminoso,
Suppoz erguer-se a terra enorme, desmedida,
D'Atlante, d'um Titan, vasta extensão perdida,
No pego occidental. E' largo o mar azul,
Mas da Africa se estende a costa ardente ao Sul,
Caminho do Levante, em cujos territorios
Servem de marco ao nauta agudos promontorios.
Longa a viagem é, mas ás Indias sagradas
A gloria ha de aportar das Quinas constelladas,
Na bandeira a fluctuar do povo portuguez,
Esse povo pequeno a quem a força fez
Rasgar ao mundo inteiro a cortina dos mares,
Abrindo á Europa rude abrigo d'outros lares,
Em que sorrisse a fé, a illuminação cruz,
Arvore na Judéa plantada por Jesus,
E cuja sombra doce, aroma, suavidade
Cobriu por tanto tempo a triste humanidade.

E vae o Gama, vae. Nas terras do Nascente
Aporta a grande armada, o cortejo luzente
Da flor de Portugal, fidalgos e plebeus,
Todos filhos da Patria, audazes filhos seus,
Que não temem do mar as iras temerosas;
Todos têm um brazão — as almas generosas,
E qual no nobre altivo ao rebento do povo,
Tudo é grande, soberbo e nasce um mundo novo
Que descobre Colombo, astuto genovez,
Discipulo em saber do povo portuguez,
Ouvidas as lições no mar açoriano
Da terra occidental, extrema d'um oceano
A se espraiair no occaso.

Ei-la, a grande conquista,
Novo certamen forte em que correm na pista
Os povos europeus. Abriu-a Portugal,
O Messias do mar no mundo occidental;
São-lhe brazões a vaga, o vento, a tempestade,
Vencidos n'esta lucta em prol da humanidade.

.....
Marinheiros do Patria, ó nautas do presente,
Nas veias vos circula o mesmo sangue ardente
De vossos paes d'outr'ora, audazes portuguezes,
Valentes na fortuna e fortes nos revezes,
Que fizeram da terra estreita, curta enlão,
O grande mundo d'hoje, esta immensa extensão,
Sulcaes o mesmo mar, a planície d'anil
Onde vossos avós acharam o Brasil.

.....
Marinheiros do Patria, esta patria que vêdes
Perenne d'alegria, em cujos labios lèdes
Risonha saudação, de vossos paes nasceu.
De fraca fez-se forte, e medrou, e cresceu.
E esse pequeno povo á Europa occidental
Na America engastou a joia sem rival
D'este grande Brasil. Oh! salve, marinheiros!
Entraes no vosso lar, o lar dos brasileiros.

Mandou.

PLACIDO GUERRA,

UM POUCO DE HISTORIA

As calorosas manifestações de jubilo e entusiasmo, quer por parte dos brasileiros quer dos portuguezes, sempre que um navio de guerra de qualquer dos dois paizes visita o outro, tem sua explicação natural e suasoria na intima afinidade que sempre existiu entre os dois povos, — tão habituados, nas emergencias mais graves de sua historia commum, a arrostarem os mesmos perigos, a soffrerem resignados as mesmas vicissitudes, a compartilhar, heroicos, as mesmas victorias.

Esta leal camaradagem, no infortunio como na gloria, não podia

deixar de estabelecer entre elles uma mutua corrente de sympathia, tão profunda e intensa, que nem a diathese do nativismo, assás generalizada entre os povos modernos, a tem conseguido abalar.

A historia luso-brasileira está cheia de factos que enaltecem o caracter livre e independente dos heroes que lhe deram o nome, ao mesmo tempo que exuberantemente comprovam o grau de desinteressado affecto que os movia na conquista da liberdade.

O Brasil, a par de outros titulos de reconhecimento que deve a Portugal, jámais poderá esquecer a solicitude verdadeiramente fraternal com que este heroico paiz zelou sempre pela manutenção e integridade da mais brilhante joia engastada na coroa do seu vasto imperio colonial. Nas fronteiras norte e sul d'esta opulenta e privilegiada região da America Meridional, ainda ha pouco se viam os grandes blocos de granito que eram, outrora, as unicas sentinellas viglantes, mudas e frias, a prevenirem a invasão do estrangeiro. E tão disciplinarmente se houveram no seu posto de honra, que jámais a metropole foi obrigada a abrir lucta com as colonias limitrophes.

A heroica e denodada resistencia do general Mathias de Albuquerque se deve a victoria definitiva sobre os holandezes, expulsando-os do solo brasileiro que tanto cubiçaram.

Duclerc e Trouin tiveram ainda peor sorte, e os piratas bretões Cavendish e Lancaster, valentemente escorraçados do Espirito Santo e do Recife, não ousaram tentar novos latrocinios.

Em face d'esta imminente collagração, a mais rica e bella colonia portugueza servindo de pasto à desmedida ambição do resto da Europa conquistadora, — a pirataria ingleza e franceza saqueando-lhe as melhores cidades; o hollandez astuto e aventureiro a cavar pacientemente o seu ninho ao norte, de onde pudesse estender o olhar avido até às Guyanas; a Hespanha cercanda-a e opprimindo-a com a mesma traiçoeira vilania com que tentava tirar um desforço condigno do vergonhoso desastre de Aljubarrota; — em face de tantos perigos e desventuras o que faziam os portuguezes?

Defendiam a integridade territorial do Brasil, ao mesmo tempo que na metropole preparavam o mais glorioso feito de que ha memoria nos annaes da historia da emancipação dos povos.

Batido de vez o principal usurpador, cujo leão feroz foi perder as garras em Montes Claros, facilimo foi tambem enxotar os ousados mi-lhafres que estendiam as negras azas por sobre as ridentes plagas americanas.

Da forma brilhante e decisiva como esse paiz sabia manter o seu prestigio e auctoridade, fala por nós a historia sobre factos succedidos pouco antes da independencia.

Quando Buenos Ayres proclamou a sua independencia, fez todo o possivel por conservar sob o seu dominio a Banda Oriental do Rio da Prata; tel-o-ia certamente conseguido, se o gene-



Francisco Gonçalves da Costa Porto
Thesoureiro



Luiz E. Rodrigues
Thesoureiro substituto



José Claudio de Mesquita
Membro da commissão

ral Elio, fiel à causa de Hespanha, não se oppuzesse a taes desígnios. Os insurgentes, porém, commandados por Artigas, ganharam a batalha de Las Piedras, e, robustecidos pelas forças de Rondeau, chegaram a Montevideu e puzeram-lhe cerco.

Elio solicitou a intervenção do príncipe regente D. João VI, o qual ordenou ao capitão-mór do Rio Grande do Sul, D. Diogo de Souza, que à frente de 4.000 homens prestasse ao general hespanhol sitiado todo o auxilio, vigiando ao mesmo tempo pela segurança do territorio brasileiro.

Penetraram as tropas portuguezas no paiz visinho, e à só noticia da sua aproximação apressou-se Rondeau a firmar com Elio um armistício.

Um anno depois, os insurgentes, outra vez capitaneados por Artigas e Rondeau, de novo puzeram cerco a Montevideu, obrigando o governo de D. Vigodet a render-se.

Com o reconhecimento, pouco depois, da independencia da Banda Oriental pelo governo de Buenos Ayres, aggravou-se a situação, por se haver senho-reado Artigas do mando supremo do novo paiz.

Teve então Portugal de intervir à mão armada na Banda Oriental, vindo a saber-se mais tarde, pelo testemunho de D. Ignacio Nunes, secretario da legação de Buenos Ayres em Londres, que o seu governo «deixara de oppôr um dique ás depredações de Artigas, porque só liava do tempo a reparação de seus extravios.» (1)

Sobre esta intervenção enviou a Hespanha, com apoio de algumas potencias, uma nota collectiva à corte do Rio de Janeiro, pedindo explicações d'aquelle acto. Deu-as cabaes o governo portuguez, levando ás potencias signatarias o convencimento de que a expedição ao Rio da Prata não tinha por objecto violar direitos extranhos, mas sim proteger os proprios. A este tempo já a divisão portugueza, sob o commando do general Carlos Frederico Lecor, depois visconde da Laguna, estava no territorio do Uruguai, sendo taes as violencias e extorsões de Artigas e seus officiaes, que o Cabildo (senado da camara) de Montevideu para logo mandou uma deputação a Lecor, convidando-o a tomar posse da cidade, cujos moradores desejavam ardentemente subtrair-se ao governo despótico que os opprimia.

Não abusou, ainda assim, Portugal do direito de vencedor, e só depois de pacificada a Banda Oriental, é que ordenou aquelle general que consultasse a vontade dos cisplatinos, a fim de saber «se lhes convinha a incorporação à monarchia portugueza, e sobre que bases e condições, ou se queriam antes constituir-se independentes ou annexar-se a outra qualquer potencia.»

De accordo com estas instrucções, convidou Lecor a reunir-se em Montevideu (1821) um congresso de representantes de todo o Estado, tomando ali a palavra o deputado Bianqui, que se exprimiu n'estes termos:

«É preciso que a provincia Oriental se constitua nação independente ou se incorpore a outra que esteja constituida. Esta é a unica alternativa que deixam as circumstancias. Veja-se, pois, se Montevideu e sua campanha podem constituir-se em nação e manter a sua independencia, e, se o não pode, qual é aquella a que deve incorporar-se com mais vantagens e menos perigos.

Fazer d'esta provincia um Estado é coisa que parece um impossivel politico; para ser nação não basta querer sel-o; é preciso ter



J. J. da Camara
Membro da commissão



Armindo R. da Fonseca
Membro da commissão

(1) Vid. a carta *Sobre la usurpacion de Montevideo por los Gobiernos Portugues y Brasileiro*, annexa às *Noticias Historicas, Politicas y Estatísticas de las Provincias Unidas del Rio de la Plata*.

meios com que sustentar a independência. No paiz não ha população, recursos ou elementos para defender o territorio contra uma força inimiga que o invade e para fazer-se respeitar das nações. Uma soberania n'este estado de fraqueza não pode infundir a menor confiança. Seguir-se-ia a emigração dos capitalistas, e tornaria a ser o que foi — o *theatro da anarchia e a presa de um ambicioso atrevido, sem outra lei do que a satisfação das suas paixões.*



J. Corrêa de Araujo
Membro da comissão

Ha algum homem que deseje ver a sua patria em tão triste situação? Logo, é evidente que a Banda Oriental, não podendo ser actualmente nação, deve constituir-se parte de outro Estado, capaz de sustentá-la em paz e segurança. Buenos Ayres, no meio das suas guerras civis, não pode preencher esses fins; muito menos Entre-Rios, e tão pouco a Hespanha, não só porque a sua dominação tem contra si o voto dos povos, como também porque, no seu estado actual, nem pôde socorrer-a, nem evitar que esta provincia fôsse o *theatro sanguinolento da guerra de todas as*

mais, que proclamaram a sua independência.

Consequentemente, não resta outro recurso senão a incorporação á monarchia portugueza, debaixo de uma constituição liberal.»

Approvado este parecer pelos outros deputados do congresso, resolveu-se, por accordo de 31 de julho de 1821, que a provincia Oriental do Rio da Prata fosse definitivamente incorporada ao reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves, constitucional, com a obrigação imprescindivel de se respeitarem, cumprirem, observarem e se fazerem observar as bases d'esse accordo.

Proclamada a independência do Brasil em 1823, Buenos-Ayres, que não desistira do seu antigo proposito, e aproveitando-se do estado politico do imperio e da divergencia das tropas portuguezas e brasileiras, as quaes se achavam, aquellas dentro da cidade de Montevideo, e estas fóra, na campanha, começou surdamente a machinar em seu interesse a separação



J. A. Fernandes Guimarães
Membro da comissão

da Cisplatina, — o que afinal conseguiu, não á custa de poucos sacrificios e desastres.

E assim Portugal soube não só manter mas ampliar o seu dominio n'esta vasta região que o Destino lhe confiara, não medindo sacrificios para o seu desenvolvimento material e moral, até lhe conceder a emancipação politica, que as circunstancias impunham.

Manãos.

SILVA FERRAZ.

... Porque para dar, e não para se guardarem, as riquezas mundanas se hão de desejar.

FRANCISCO DE MORAES.

Abertura das côrtes, em 1-6-906



No largo das côrtes — O dr. Magalhães Lima n'um grupo de republicanos



Abertura das côrtes. — A caminho da camara para entrega do protesto republicano á frente o dr. Bernardino Machado. — No plano immediato os srs. drs. Antonio José d'Almeida, Afonso Costa, Augusto Vasconcellos e João de Menezes

A ilha de Santa Helena *Politica internacional*

A ILHA de Santa Helena, onde Napoleão Bonaparte viveu durante seis annos, foi descoberta pelos portuguezes em 1502 e abandonada quasi em seguida. Os holandezes apossaram-se d'ella em 1661, conservando-a até 1673, epoca em que passou para o dominio da Inglaterra.

A ilha, de origem vulcanica, muito accidentada, mede dezeseite kilometros de comprimento por quatorze de largura. O pico de Diana tem 875 metros de alto. Jamestown, ao sudoeste, é a capital e o unico porto de desembarque. Toda rodeada de rochas abruptas sobre o mar, não tem outro ponto accessivel.



Santa Helena. — O caes

A 1.800 kilometros da costa de Africa e a 3.000 das costas do Brasil, esta ilha solitaria é como que uma sentinella vigilante nas derrotas maritimas entre a Europa e o Cabo da Boa Esperança.

As gravuras interessantes que inserimos dão ideia da ilha pittoresca e triste para onde os inglezes desterraram o vencedor de Austerlitz.

Napoleão residiu na casa (vide gravura) do planalto de Longwood, ao noroeste da ilha, a que aportou em 17 de outubro de 1815. Ali morreu em 5 de maio de 1821.

Os seus restos mortaes foram encerrados no mausoleu, que hoje reproduzimos, e lá se conservaram até 1840.

Depois da guerra da Inglaterra com o Transvaal muitos boers foram deportados para Santa Helena.



Santa Helena. — Casa em que viveu Napoleão

MAIS cedo do que era licito esperar realisaram-se as nossas previsões, feitas apenas ha um mez, a respeito da crise hungara.

Sempre nos pareceu, que o accordo a que se tinha chegado não era definitivo, e que cedo ou tarde, mais cedo do que tarde, o conflicto havia de renascer. Fundavamo-nos para emitir este parecer pessimista em dois factos, que a ninguem logo desde a primeira hora da pacificação deviam passar despercebidos. Era o primeiro d'esses factos o descontentamento que nas fileiras do partido da independencia, sobretudo entre o grupo da extrema esquerda d'este partido, tinha produzido a temporaria renuncia dos colligados a levarem por diante a questão da lingua do commando para a parte magyar do exercito austro-hungaro.

Conforme é sabido, fóra esta questão o motivo determinante da crise politica que durante dois annos agitou a Hungria, levando-a quasi á revolução, e era ella principio accpto por todos os colligados, representando até o laço commum que unira n'um bloco patriótico elementos politicos de proveniencias e de aspirações tão diversas.

Para os exaltados do partido, que só pelo respeito que teem pelo nome do sr. Kossuth o accetam como chefe, semelhante transigencia em ponto tão capital do programma nacionalista representa uma abdicção, com a qual se não conformam, quaesquer que fossem os motivos de oportunidade e prudencia, que a tivessem imposto. Semelhante disposição, pois, da parte mais activa e irrequieta do partido da independencia era já de per si symptoma pouco tranquilizador da estabilidade da pacificação. Accresce, porém, um facto novo e foi este o segundo em que nos fundámos para não ver a situação tão côr de rosa como a viram alguns jornaes europeus. Este segundo facto foi a enorme maioria, que nas recentes eleições alcançou o partido da independencia.

Pela primeira vez desde 1848 está este partido no poder; agora, porém, não por meio de uma revolução ou de um levantamento, mas em virtude da evolucion pacifica, consciente e reflectida do paiz inteiro.

N'estes termos e dada a disposição d'espírito, a que acima nos referimos, a renovação do conflicto era inevitavel. Era preciso ser-se cego para o não ver.

O que determinou agora o rompimento foi a questão economica. De ha muito que a Hungria aspira a emancipar-se economicamente da Austria, e embora a questão da lingua do commando fosse a causa occasional da crise passada, é certo que o mais importante dissidio entre as duas metades do imperio não é esse. O verdadeiro antagonismo que separa a Cis da Transleithania é o economico. A Austria,

com effeito, é sobretudo um paiz industrial. A Hungria é principalmente um paiz agricola.

Como será n'estes termos possível n'uma pauta aduaneira commum conciliar interesses tão oppostos? E' por isso que a proposito da renovação dos tratados de commercio, especialmente com a Allemanha, o parlamento de Buda-Pest se insurge contra a ideia de uma pauta commum para todo o imperio e reclama o direito de ter uma pauta hungara autonoma e de fazer, tomando por base os direitos d'essa pauta, um tratado de commercio com a Austria. Por outra, a Hungria reclama o direito de fazer separadamente tratados de commercio com as demais nações, incluindo a propria Austria, que para este caso seria considerada um estado á parte como os outros. Ora é contra esta pretensão que os circulos officiaes de Vienna se levantam. A independencia economica seria na opinião d'elles, e com razão, diga-se a verdade, o prologo da independencia politica dos magyares, isto é, a dissolução do imperio austro-hungaro e a sua substituição pelo desconhecido, porque uma vez entrada a monarchia no caminho da desintegração ninguém póde prevêr até onde essa desintegração chegará. Amanhã os tchéques da Austria reclamarão por seu turno a independencia, e na propria Hungria os rumenicos e os croatas não tardarão a seguir o movimento geral de emancipação.

Sob o ponto de vista propriamente austriaco e imperialista não ha duvida de que a actual attitude da Hungria é inquietadora. Mas que podem os conservadores de Vienna oppôr á vontade de um povo inteiro? Quanto mais combaterem as tendencias autonomistas dos hugaros tanto mais apressam a hora do rompimento definitivo.

A situação actual entre a Austria e a Hungria é exactamente a de ha bem pouco entre a Suecia e a Noruega. Diferentes no character e nas aspirações, mas ainda assim não tão diversos como os austriacos dos magyares, que pertencem a raça distincta, os noroeguezes reclamavam dos suecos uma completa autonomia commercial, que devia traduzir-se pela criação de consulados seus, separados. Se a Suecia tem immediatamente cedido a esta pretensão tão justa, as questões que dividiam os dois paizes e que acabaram por dissolver o pacto da união haver-se-iam resolvido pacificamente e ainda hoje a Scandinavia formaria uma unica soberania politica. Não o quizeram, porém, assim os conservadores de Stockholmo. Julgaram que, oppondo-se intransigentemente ás reclamações do povo irmão, podiam abafar o que elles com desdem apellidavam de espirito de revolta. O resultado viu-se qual foi. Quando o rei Oscar reconheceu o erro, a que o tinham induzido os seus conselheiros, ou em que elle proprio caíra por teimosia e cegueira, já era tarde para emendar a mão. Teve então de resignar-se a ceder *tudo*, elle que durante tantos annos se negára sempre a conceder *alguma coisa*.

A mesma historia está-se repetindo com o imperador Francisco José. Emquanto é tempo de por meias concessões satisfazer as aspirações hugaras, nega-se a isso. A opposição systematica, porém, aos desejos dos magyares acabará por irritar estes e por levar-os ao acto extremo de proclamarem a sua separação da Austria, que persiste em conservar-se surda a todas as reclamações de Budapest.

Depois do facto consummado ha de resignar-se a acceital-o como fez o rei da Suecia, a não ser que para completar a obra da sua inhabilidade politica recorra á força para obrigar os hugaros a continuarem a fazer parte do imperio, o que poderia dar logar ás mais graves complicações tanto internas como externas.



Santa Helena. — O tumulo de Napoleão

O que augmenta a gravidade da actual situação e a torna muito mais seria do que a anterior, felizmente resolvida pela chamada ao poder dos chefes da colligação hungara, é que actualmente o conflicto não é entre a corôa e um dos partidos magyares, mas entre as duas nações respectivamente representadas pelos seus governos e parlamentos. Logo que as reclamações hugaras se accentuaram constituiu-se na Austria o ministerio do principe de Hohenlohe, o qual peremptoriamente declarou ser contrario ás pretensões do gabinete de Budapest e estar disposto a não permitir que o pacto entre as duas nações se modificasse ao sabor e por vontade apenas de uma d'ellas. A poucas semanas, porém, da sua constituição o ministerio Hohenlohe caiu, deixando desapontados todos os que confiavam na sua energia para fazer entrar a Hungria na ordem. Não tardou mesmo que tomasse consistencia o boato de que esta inesperada crise ministerial fôra produzida pelas intrigas magyares. Foi o bastante para que nos circulos officiaes e no Reiohsrath se levantasse grande celeuma, exigindo-se a formação de um novo gabinete que traduzisse o modo de sentir da Austria inteira n'esta questão e onde se achassem representados todos os partidos politicos, pelo menos os principaes.

O imperador Francisco José, acceitando o modo de ver dos circulos da côrte, encarregou o barão von Beck da nova organização ministerial, que ao cabo de não poucas difficuldades e de variadas peripecias ficou assim constituída: presidente do conselho sem pasta, barão Max Vladimiro von Beck; ministros sem pasta: dr. Paçak (chefe dos jovens tchéques), e conde Alberto Dzigduszycki (chefe do partido polacco); ministro do commercio, dr. Forzht (joven tchéque); ministro dos caminhos de ferro; dr. Derschatta (chefe do partido popular alle-



Santa Helena. — Revista de tropas

mão); ministro da instrução pública e cultos, o conselheiro Narchet (partido progressista alemão); ministro das finanças, o sr. de Konytowsky (polacco); ministro do interior, o barão de Bienerth; ministro da agricultura, o conde de Auersperg; ministro da justiça, o dr. Klien; e ministro da defesa nacional o sr. Schoenaich.

Conforme se vê d'esta lista, os mais importantes grupos parlamentares estão representados no gabinete, o que lhe permitirá uma unidade de acção até hoje desconhecida dos seus predecessores. Foram os tchêques os que mais resistencia oppuzeram a entrar na combinação ministerial, e foi necessario que o partido polaco sobre elles fizesse pressão, ameaçando-os de os deixarem isolados em frente dos alemães, que os obrigou a aceitar.

Em todo o caso é duvidoso, se, pelo facto de o partido se achar representado no governo, elle desistirá das suas pretensões nacionalistas, como por exemplo, a adopção da lingua tchêque para toda a administração na Bohemia.

O ministerio Beck foi recebido com geral approvação em toda a Austria.

Na Hungria, pelo contrario, como era de esperar, foi recebido na ponta das lanças. A imprensa inteira magyar ataca rudemente o novo presidente do conselho, pondo em relevo as suas intimas relações com o archiduque Francisco Fernando, herdeiro do throno e conhecido pelas suas tendencias anti-hungaras. O dr. Weckerlé, presidente do governo de Budapest, n'um importante discurso, declarou que a Hungria não recuará uma pollegada no terreno das reivindicações economicas.

De modo que o conflicto annuncia-se imminente, e ninguem pôde prever com a actual tensão dos animos de um e outro lado da Leitha o que virá a acontecer? Será d'esta vez o *finis Austriae*, tal como o prophetizou o celebre Blowitz?...

CONSIGLIERI PEDROSO.

Exposição de solipedes — Na Tapada da Ajuda

(EM 3-6-906)



Familia real na tribuna, assistindo á passagem do gado

Exposição de solipedes

Brilhante como sempre a exposição aberta ha dias na Tapada da Ajuda e de que publicamos tres aspectos. Concorreram a esse certamen:

A Real Caudalaria de Alter — a Caudalaria nacional (valle de Santarem) — Palha Blanco — Emilio Infante da Camara (valle de Figueira) — Conde de Fontalva — José Joaquim Gonçalves, de Elvas — Roberto Raphael Reynolds, de Estremoz — Manuel Zagallo, de Estremoz — Alfredo Andrade, de Santa Eulalia — Lanceiros 2 — Cavallaria 4 — Artilharia 1 e Guarda Municipal.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

V

Entra-se n'um periodo de normalidade, com grande gaudio de cartistas e bordas d'agua. — Já temos côrtes e vamos ter côrtes. — Tabacos. — A calma nos espiritos e a calma da estação. — Pensamento profundo de um lavrador á meza d'uma casa de pasto. — A exposição dos primeiros modelos do ceramista Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. — O successo do Raphael Bordallo. — Quarenta e cinco trabalhos. — O 2 Minuete, e a "Jarra Foz". — A proposito da festa de Virginia. — O busto da grande actriz no vestibulo de D. Maria. — Insiste-se n'um velho alvitre. — José Carlos dos Santos, Antonio Pedro, Rosa Damasceno e Pinheiro Chagas. — Considerações. — Cita-se a proposito D. Luiz da Camara Leme e o seu projecto de incompatibilidades. — Entramos outra vez na anormalidade. — Já não temos côrtes. — A camara dos deputados e o caso da pescada. — A situação é magnifica para os candidatos não fallantes. — Uma anecdota de Marianno de Carevalho.

Agora, sim! Agora, por mais que as opposições barafustem e gritem, por mais que se esbofem a clamar contra a chamada "anarchia em que tudo isto vae", e o famoso "vento de insanía que varre as mais equilibradas cabeças", agora, babau, sr. doutor! Ninguem

as acreditará pela mais simples e concludente das razões: porque os factos desmentem taes clamores pela forma mais eloquente.

Não ha duvida. Entramos no periodo da normalidade exigida pelos mais ferrenhos cartistas, pelos mais acerrimos bordas d'agua. Já temos côrtes e já temos calor. Isto moralmente. Material e economicamente vamos ter em breve *sub-press* diario e côrtes nas gratificações burocraticas. Politicamente, não resta duvida, tambem, que progredimos e muito: os republicanos avancam a passos tão largos no caminho das reivindicações civicas, que já vão do largo de S. Carlos ao largo de S. Bento (ida e volta) gritando á sua vontade, fazendo um cocheiro n'um bolo, sem que a policia intervenha por causa da inviolabilidade dos immortaes principios.

Os tabacos, como se sabe, foram parar ás mãos da companhia que actualmente explora a concessão, visto que ella, no uso de um direito que lhe era garantido por lei, optou após o lanço maior oferecido em concurso publico. E' uma questão arrumada, a não sobrevirem complicações que Deus Nosso Senhor afaste para muito longe, e arrumada a contento de gregos e trojanos. Não foi sem tempo. Ficamos devendo esse grande serviço á acção do gabinete da presidencia do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, que encarou a questão de frente e a poz no devido pé, e á nobre decisão do governo do sr. conselheiro João Franco, que a accitou tal qual lh'a entregaram e a fez resolver pelos meios que os seus antecessores tinham estabelecido. Todos os louvores que se dirijam aos dois governos serão poucos. Porque, minhas senhoras e meus senhores, eu não sei o que mais apreciar n'este novo contracto: se as vantagens economicas, que no dizer dos entendidos são muitas, se as vantagens de ordem moral, que na minha opinião são muitissimas. Sim! Se o governo — fosse elle qual fosse — declarasse a solução d'esta questão dependente d'um plebiscito nacional, e me viessem perguntar por qual das vantagens eu optava, a minha resposta seria immediata e decisivamente esta: dêem para a cêra das bemitadas almas ou ao mafarrico que carregue os tabacos o pouco ou muito que possam obter da usura da finança, mas pelas cinco chagas de Christo acabem com isto depressa, pondo termo a esta cega-rega seccante que, a continuar, poderá talvez levar-nos á ruina, mas indo buscar-nos, com certeza, a Ribafolles!

A calma nos espiritos vae-se accentuando como a calma do verão. As promessas liberaes do governo tiveram o condão de apaziguar os animos que se mantem na doce situação de uma serena expectativa. E tudo leva a crer que as coisas correrão por forma a ficarmos todos contentes, o que não me parece difficil de conseguir, visto que o portuguezinho é uma santa creatura que com pouco se satisfaz. Lá isso — honra lhe seja feita! — qualidades de resistencia á adversidade sobejam-lhe. O adoravel optimismo d'esta boa gente é talvez a maior felicidade que ella gosa depois do seu esplendente sol, a que o poeta chamou "amigo dos heroes, e que nós encaramos com os olhos resguardados pelas lentes fumadas de mestre Pangloss.

Dizia-me ha dias, abançado a uma mesa de hotel, em Coimbra, um lavrador duriense que se achava, como eu, de passagem n'aquella olaria de bachareis:

— Olhe, meu caro sr., não pense em historias. Isto de brigas de partidos é uma grande pagodeira. O povo tanto se lhe dá como se lhe deu. O que a gente quer é um governo que nos arranje a comprar o pão barato e a vender o vinho caro.

Ergui os meus olhos, ardidos de chorar as miserias d'este mundo, para aquella creatura vermelha e cabelluda que me falava com um ar tão franco. E li-lhe no rosto tanta decisão, tanta convicção, que me convenci, eu tambem, de que elle falava em nome e com procuração de nós todos.

No seu remançoso e lindo atelier na rua do Thesouro Velho, fez Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro a primeira exposição dos seus trabalhos de ceramista. Não só como mero acontecimento da quinzena este facto merece registo: trata-se, nada mais, nada menos, da continuação da obra maravilhosa de Raphael Bordallo. E diga-se desde já que Manuel Gustavo em tão melindroso e alto commettimento se houve por forma a honrar a memoria illustre do grande artista que foi seu pae.

As pesadas responsabilidades artisticas que Raphael legou ao filho não entibiaram o animo de Manuel Gustavo, que é um corajoso e nobre espirito, fazendo-o esmorecer quando lançou o primeiro golpe de vista á estrada em que o pae caminhara com passo tão seguro, a cabeça bem erguida para a gloriosa luz de uma apothese que para sempre nimbára a sua memoria. Enxutas as lagrimas mal reprimidas, mal vencida a dôr enorme de uma perda que só pode ser avaliada por quem já teve o infortunio de a soffrer, este moço de trinta annos todo se devotou, para satisfação do seu coração de filho, á continuação da obra do pae, á qual consagrou toda a sua alma de artista. Rompendo quasi por completo com a vida facil que lhe proporcionava o meio em que entrara pela situação social que disfructa e pela sua mocidade, Manuel Gustavo dedicou-se exclusivamente ao trabalho. Trabalhou e trabalha muito, muito, com a tenacidade que lhe vem do seu espirito frio e reflectido, sem um desfalecimento, porque não tem um momento de desfalecimento quem acha escasso o tempo para trabalhar. Um só pensamento tem preoccupado o moço artista, uma só ambição o acoroça na faina constante: não deixar seu pae morto viuvo da



Exposição de solipedes na Tapada da Ajuda. — Passagem do gado

sua Arte, pela morte d'elle, tambem... E dia e noite labuta por esse ideal, no atelier de Lisboa, ou nas officinas da fabrica das Caldas, acompanhado dos velhos collaboradores de Raphael, cujo espirito diriel segue de perto o filho, alimentando-lhe a devoção pela obra que deixou em meio. Ao cabo do seu primeiro anno de labor, Manuel Gustavo entendeu, e muito bem, dever expôr os seus primeiros modelos. Em boa hora o fez. A Lisboa intellectual correu ao atelier da rua do Thesouro Velho a ver os trabalhos do novel ceramista, que desde esse momento conquistou por suffragio unanime o honorrissimo diploma de digno successor de seu pae.

Como o artista declara no pequeno catalogo da exposição, e acima deixamos dito, o seu pensamento foi não deixar morrer com Raphael Bordallo Pinheiro a faiança artistica das Caldas da Rainha. Seguiu os estímulos da inspiração de seu pae e traçou alguns modelos novos, inspirando-se em motivos decorativos buscados na fauna e flora portuguezas, cingindo-se á tradição, procurando apenas reduzir os objectos a formas mais simples e solidas.

São quarenta e cinco os trabalhos expostos, alguns com variantes de decoração, como a lindissima jarra Foz, de uma elegancia de linhas e delicadezas de pormenorização dos motivos decorativos verdadeiramente inexcediveis. Avulta entre elles o magnifico grupo *Minuete*, exemplar unico, em terra-cota, adquirido por Sua Magestade El-Rei. Uma soberba obra d'arte! Mede apenas onze centimetros de altura. Se dermos um minimo de tres centimetros para a base da peça, teremos as figuras de oito centimetros. Pois não se pode imaginar a belleza d'essas figurinhas, idealmente lançadas, a graça das attitudes, a expressão de galante preciosismo das mascaras, as estupendas minucias dos detalhes das roupas. Um verdadeiro encanto.

Dignos de menção são todos os modelos. Mas nem é compativel com a indole d'estes artigos a longa catalogação dos primorosos trabalhos, nem o espaço geralmente dado a estas chronicas comportará uma larga explanação sobre elles. Mas seria um crime de lesão bom gosto deixar de citar, entre outros, a jarra Sèvres, as bilhas e cangirões com algas e trevo, os porte-sobrescriptos representando as danças populares, os potiches, os cachepots com rãs.

Manuel Gustavo triumphou, indiscutivelmente. Triumpha pelo seu talento, pela sua educação artistica, pelo seu trabalho persistente, pela sua vontade, enfim. Razão de sobejo tem para se sentir orgulhoso.



Exposição de solipedes na Tapada. — O ministro da guerra e officiaes

O orgulho não é, como querem as almas mesquinhas, um ruim sentimento; é a precisa convicção do valor proprio, indispensavel a quem não queira sentir o doloroso jugo dos outros n'esta incessante luta da existencia.

Abraço o commovidamente, apertando contra o meu coração alguém mais que o amigo: o lidimo representante d'esse outro amigo extincto, do inolvidavel Raphael, o mais illustre principe da famosa dynastia dos Bordalios.

Como os leitores viram na revista de theatros do nosso ultimo numero, a festa de despedida da grande actriz Virginia, em D. Maria, revestiu o caracter de uma apothose. Ha muito que entre nós se não fazia manifestação de apreço tão calorosa, tão sentida, tão espontanea, tão commovedora. E' que de tudo se tornou digna a illustre actriz na sua longa e prestigiosissima carreira artistica. Virginia foi sempre crêdora do nosso applauso e será sempre crêdora da nossa devota afeição.

Não vale, porém, insistir em assumpto que já não é de actualidade e sobre o qual todos estamos de accordo. Estas linhas vieram a pêlo para encabeçar algumas considerações a proposito do alvitre lançado por um jornal da capital: a collocação do busto da grande actriz no vestibulo do theatro de D. Maria, junto do de Emilia das Neves, junto do de Garrett.

Alvorçadamente vieram outros jornaes adherir á sympathica ideia e aqui estamos nós, na primeira oportunidade que se nos offerece, dando o nosso voto favoravel. Tambem nós desejamos ver a consagração da primacial actriz portugueza no marmore perpetuador. E assim dizendo, fazemos mais que honrear uma afeição, alias justificadissima: satisfazemos um ideal de justiça. E', tambem esta, questão arrumada, uma vez que não ha duas opiniões sobre ella.

Mas seja licito ao chronista aproveitar o ensejo para insistir n'uma velha cega-rega que em circumstancias analogas nunca deixou de apresentar á consideração de quem superintende n'estes casos de passar em marmore á posteridade as figuras que mais se tenham evidenciado no theatro portuguez:—ainda não estão no vestibulo do theatro Normal os bustos de José Carlos dos Santos, de Antonio Pedro, de Rosa Damasceno. Ainda lá não está o busto de Pinheiro Chagas.

Não quero fazer a ninguem, seja a quem for, a injustiça de supôr que sejam estas grandes memorias julgadas pouco idoneas para candidatos a tal consagração. Quero crer que todos pensamos, a este respeito tambem, da mesma forma. Como quer que seja, porem, nada se tem feito em tal sentido e o tempo vai passando implacavelmente, obliterando na memoria do contemporaneo certos nomes, ou relegando-os para uma descaravel indifferença.

E isto é tanto mais para lamentar, quanto é certo que, hoje, relativamente a theatro, estamos quasi na situação dos fidalgos orgulhosos, caídos na ruina, que vivem do culto do passado...

Repito: sou de opinião que se preste a Virginia mais essa homenagem. Mas julgo que ella seria duplamente grata á illustre actriz, se a par do seu busto fossem collocados o do grande Pitorra, seu inolvidavel mestre, os de Rosa Damasceno e Antonio Pedro, seus gloriosos companheiros de tantos annos de triumpho.

Tenho como certo que a este alvitre, em que ha annos insisto, está reservado o triste destino d'aquelle celebre projecto de incompatibilidades que o velho D. Luiz da Camara Leme apresentava em todas as sessões á camara dos pares. Deixal-o. Como o honrado e venerando general irei insistindo, *vox clamantis in deserto*, n'este outro projecto a que tambem se pode chamar — de incompatibilidades...

Ora vejam lá como o demo as arma! Ao começar esta Chronica felicitei-me e ao paiz por termos entrado no appetecido periodo de normalidade constitucional e jubilosamente registava a nova de termos côrtes. Pois, senhores, ao encerrar a Chronica sou a declarar lhes que me estalou a castanha na bôca. Já não temo côrtes!

Está dissolvida a camara dos senhores deputados, os senhores deputados a quem, ha um mez e n'este mesmo logar cumprimentei com aquelle respeito que cumpre a um pobre diabo que nem recenseado é perante as venerandas pessoas que em côrtes re-

presentam os cidadãos que teem um voto... pelo menos. Já é machuca! Não se póde, positivamente, ser representante do povo n'este paiz. Nunca se póde; mas agora ainda menos. Antigamente a difficuldade, para um sujeito que queria trepar, era ser eleito deputado. Agora, não. A eleição é o menos. E', por assim dizer, eleito, quem o quer ser. Mas dar pio? Isso fia mais fino!

Um pretendente já não pede a um presidente do conselho:

— V. Ex.^a elege-me por tal parte?

Mas sim consulta:

— V. Ex.^a vê probabilidades de eu falar na camara?

E logo o presidente do conselho com ares de pessoa apoquentada:

— Homem, isso é tão difficil... Emfim, pode ser que calhe. Mas olhe que não tomo compromisso.

A' finada camara dos senhores deputados succedeu caso parecido com o da pescada. Como se sabe, a pescada antes de o ser já o era. Pois a camara dos deputados antes de o ser já o não é. Isto é, a camara dos deputados antes de constituida foi dissolvida.

Correm os tempos propicios para os candidatos não falantes, que antigamente esbarravam n'esse obice que os ministros lhe punham no caminho da pretenção.

— Eu fazia o eleger, de muito boa vontade, mas o meu amigo não tem dotes oratorios...

E o outro, como não tinha dotes oratorios, embuchava. Pois que remedio!

Agora muda o caso muito de figura. E, como vem muito a proposito, ahí vai uma anedota authentica.

Um sr. B., que eu conheço apenas de tradição, mas o sufficiente para não querer conhecê-lo pessoalmente, apoquentou durante annos Marianno de Carvalho, afim de conseguir ser eleito deputado. O homem era tão alarve como teimoso (o grande jornalista viu se a perros com elle

De uma occasião, sendo presidente do conselho o sr. Dias Ferreira, B. insistiu por tal forma que Marianno de Carvalho tentou servir a creatura. E dirigiu-se ao velho jurisconsulto a quem falou d'esta maneira:

— O conselheiro ha-de fazer-me um favor.

— Diga lá, Marianno. Sabe que muito desejo ser-lhe agradavel.

— Muito obrigado. Desejo que o B. venha á camara.

— O que?!... O B.?!

— Sim, o B.

— Oh! Marianno...

— ?

— ... isso é impossivel!...

— Impossivel? Porque?

— Porque?! Ainda m'o pergunta?!... Então quer que eu eleja um homem que diz *enzófar*?!

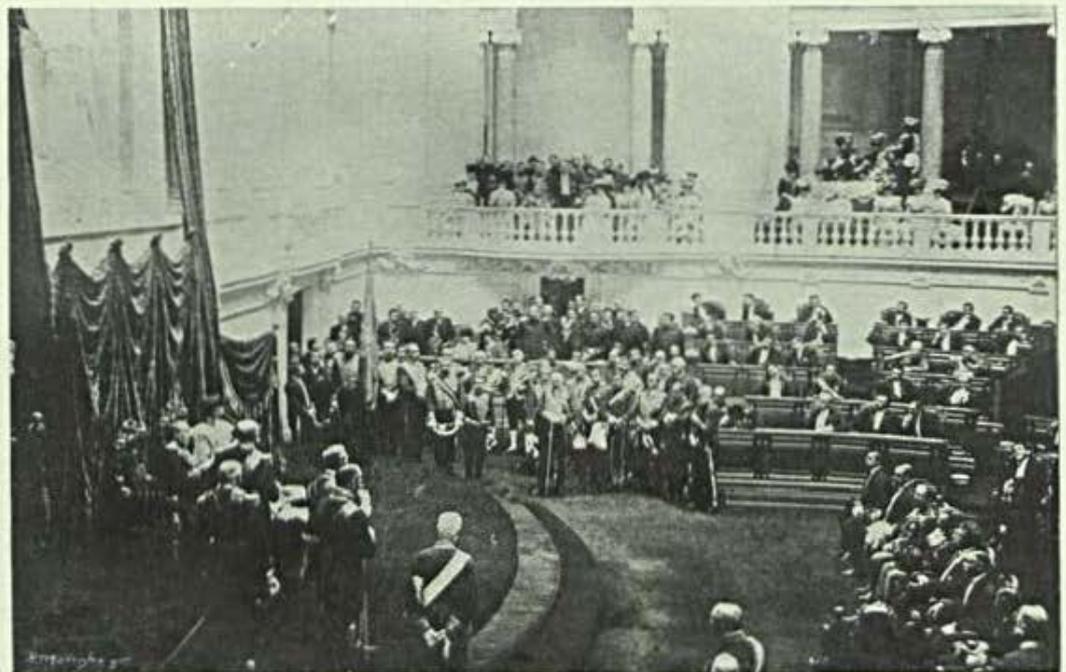
Marianno ergueu para o sr. José Dias os grandes olhos em que a ironia boiava n'uma onda de ternura e retorquiu:

— Ora... *enzófar*, *enzófar*!... E v. ex.^a, não diz *assucar*?

Está o sr. B nas suas sete quintas!

CAMARA LIMA.

Abertura das côrtes, em 1-6-906



El-rei lendo o discurso da corôa